

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

Pinturas cegas

TOMIE OHTAKE

Existe uma região no campo visual do disco ótico no qual a visão entra em colapso, o ponto cego – *punctum ceacum* – também chamado de escotoma fisiológico. No início da década de 1960, Tomie Ohtake confrontou sua pintura com questões óticas e oftalmológicas para discutir o estatuto de seu saber pictórico ao vedar os olhos para pintar. Era como se buscasse ajustar seu olhar ao ponto cego e a partir dele se engajar na experiência. A essas obras denominamos, conforme o testemunho da artista sobre seus procedimentos e método de trabalho, “pinturas cegas”, feitas sob um estado de não-ver.

Esta série forma um corpus estimado em pouco mais de trinta telas, uma singularidade na história da arte brasileira. Na época em que foram produzidas, de 1959 a 1962, artistas como Willys de Castro e Mira Schendel interessaram-se pela experiência de Ohtake. Malgrado sua importância intelectual, o conjunto permanece desconhecido pelo grande público e ignorado mesmo por segmentos da historiografia, posto que até aqui só mereceu referência em textos dedicados a outras questões da obra de Ohtake, mormente o substrato espiritual em sua pintura.

No final da década de 1950, o crítico de arte Mário Pedrosa retorna ao Brasil, depois de passar um largo período no Japão em processo de pesquisa de sua história da arte, buscando estabelecer um diálogo com a produção contemporânea ocidental de então. Quando chega ao país, passa a propor e a reivindicar que os artistas brasileiros, de origem nipônica ou não, dessem maior atenção a certos aspectos da cultura japonesa: a caligrafia, a pintura

sumi-ê, a arquitetura, o espírito zen, entre outras questões. Pedrosa também volta sua atenção para alguns nomes de origem japonesa, como Tomie Ohtake.

Em sua obra, contudo, Ohtake não reduz sua pincelada à relação formal com a pincelada de escritura ideogramática. Ela desloca a questão para uma relação entre valores e procedimentos zen e a concepção do signo pictórico em seu processo de constituição de linguagem. Por isso, as vendas nos olhos tinham o sentido de realizar uma ação pictórica no limite da percepção. O pincel não buscava demarcar território ou produzir a figuração possível. Tratava-se da pura experiência da passagem do tempo no processo zen. A pintura de Ohtake nos submete a um paradoxo poético, é simultaneamente produção de linguagem e de conhecimento, experiência do não saber e da intuição.

Paulo Herkenhoff

Curador da exposição

TOMIE OHTAKE (1913)

Tomie Ohtake nasce em 1913, na cidade de Kyoto, no Japão. Em 1936, ao visitar o irmão no Brasil, Tomie é impedida de retornar ao seu país natal devido à Guerra do Pacífico, o que a faz estabelecer-se em território brasileiro. Apenas em 1952 Tomie começa a pintar, graças ao contato com o artista japonês Keiya Sugano. No ano seguinte, ela integra o Grupo Seibi, do qual participam também Manabu Mabe, Tikashi Fukushima, Flavio Shiró e Tadashi Kaminagai, entre outros.

Ao longo dos anos 60, Tomie dedicou-se à pintura e à gravura, aprimorando técnicas que lhe permitiram abandonar aspectos figurativos e explorar o abstracionismo informal. Além disso, a artista produziu esculturas que hoje fazem parte da paisagem urbana de diversas cidades. Essas obras públicas, geralmente de grandes proporções, podem ser vistas em lugares como a Estação Consolação do Metrô de São Paulo, a Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e o Parque dos Maracás, também em São Paulo.

Tomie participou de diversas mostras nacionais e internacionais, como a Bienal Internacional de São Paulo; a Bienal de Veneza; e a Bienal Americana de Arte, na Argentina. A artista, ainda, contabiliza mais de 90 exposições individuais (no Brasil e em cidades como Nova York, Washington, Miami, Tóquio, Roma e Milão), e mais de 300 mostras coletivas, entre o Brasil e o exterior.

Com o objetivo de homenagear a artista, em 2001 foi fundado o Instituto Tomie Ohtake em São Paulo. Hoje, aos 98 anos, Tomie continua produzindo. Em 2012, a artista foi convidada pelo Mori Museum, de Tóquio, para realizar uma obra pública, que se encontra atualmente em fase de produção.

MATERIAL DIDÁTICO

O material inclui:

5 pranchas informativas com reproduções de obras da exposição “Tomie Ohtake: pinturas cegas”. A seleção foi realizada pela equipe do Programa Educativo, a fim de que o material contemplasse uma mostra significativa das obras presentes na exposição. Em cada prancha, há informações sobre a obra em questão, assim como o item “Para pensar”, no qual são sugeridos tópicos e indagações para discussão em sala de aula;

Breve texto sobre a exposição e uma pequena biografia de Tomie Ohtake, complementares às informações trazidas nas pranchas;

Atividades que tratam de aspectos tanto formais, como poéticos, visando à experimentação artística por parte dos alunos.

ATIVIDADES

Sugerimos aqui algumas atividades a partir da exposição “Tomie Ohtake: pinturas cegas”. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

1. Pintura cega coletiva

Proponha à turma a produção coletiva de uma obra. Não será, porém, uma pintura qualquer. Assim como Tomie Ohtake, os alunos deverão experimentar o pintar “às escuras”. Para realizar a atividade, sugere-se colar de dois a três metros de papel pardo no quadro-negro. Cada aluno, individualmente e com os olhos vendados, terá um tempo determinado para realizar uma parte do trabalho. Peça a eles que concentrem sua atenção no gesto de pintar, liberando os movimentos da mão e do braço. Depois de concluída a obra, avalie com os alunos quais os tipos de traços e manchas mais recorrentes, assim como o resultado final da pintura e da experiência em si.

2. Experiência do não ver

Nas pinturas cegas, Tomie Ohtake se vale da visão bloqueada como método de trabalho. Neste caso, o exercício de vender os olhos faz com que a ação e o gesto se tornem mais importantes do que as próprias questões estéticas. A experiência do não ver, nesse sentido, afetaria significativamente o modo de a artista relacionar-se com o ato de pintar. Sugira aos alunos que experimentem realizar diferentes atividades com os olhos vendados. Pode-se iniciar com a escuta de uma música ou com o próprio ato de escrever. Depois peça a eles que se desloquem pela sala. Comer o lanche de olhos fechados também pode ser uma experiência interessante. Discuta, então, com a turma quais as implicações de realizar essas atividades sem enxergar. Como isso afetou a percepção, concentração e coordenação dos alunos?

3. Nomeação

Nenhuma das pinturas presentes na exposição possui título, o que reforça a vocação abstrata da artista. Disponha no quadro-negro as cinco lâminas que compõem o material didático e peça que, individualmente, os alunos inventem um título para cada uma delas. Em seguida, compare os nomes dados às obras e aproveite para discutir a interferência deles na percepção das pinturas de Tomie. Por fim, desafie a turma a escolher, conjuntamente, um título final para as obras, justificando-os.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. O espaço na pintura de Tomie. In: _____. *Arte e meio artístico: entre a feijoada e o x-burguer*. São Paulo: Nobel, 1983, p. 212-214.

FARIAS, Agnaldo. Seixo rolado e nuvem, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.institutotomieohtake.org.br/tomie/ensaios/teensaios04_01.htm

FERREIRA, Glória (Org). *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2006.

HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: pinturas cegas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.

INTERNET

www.institutotomieohtake.org.br

www.itaucultural.org.br

www.cultura.gov.br

www.museuparatodos.com.br

Material Didático exposição Tomie Ohtake: pinturas cegas : Concepção e textos Laura Habckost Dalla Zen, Camila Monteiro Schenkel e Cristina Yuko Arikawa **Projeto Gráfico e Diagramação** Adriana Tazima **Impressão** Gráfica Trindade **Tiragem** 300 unidades **Agradecimentos** Paulo Herkenhoff, Adriana Boff, Carina Dias e Laura Cogo.



Fundação **Iberê Camargo**

Fundação Iberê Camargo

Conselho de Curadores

Beatriz Johannpeter
Bolívar Charneski
Carlos Cesar Pilla
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Domingos Matias Lopes
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
José Paulo Soares Martins
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Maria Coussirat Camargo
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio Silveira Saraiva
William Ling

Presidente do Conselho de Curadores

Maria Coussirat Camargo

Presidente Executivo

Jorge Gerdau Johannpeter

Diretores

Carlos Cesar Pilla
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon
José Paulo Soares Martins
Rodrigo Vontobel

Conselho Curatorial

Fábio Coutinho
Icleia Borsa Cattani
Jacques Leenhardt
José Roca

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Bagaiolo
Gilberto Schwartzmann
Ricardo Russowski

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Gestão Cultural

Pedro Mendes

Equipe Cultural

Adriana Boff
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

Equipe Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Alexandre Demétrio
Gustavo Possamai
José Marcelo Lunardi

Equipe Educativa

Laura Habckost Dalla Zen
Camila Schenkel
Cristina Arikawa

Mediadores

André Fagundes
Diego Farina
Fabrício Teixeira
Heloisa Marques
Iara Collet
Jerônimo Milone
Lilian Reis
Lívia dos Santos
Lucas Lima Fontana
Michel Flores
Natalha Chula
Romualdo Correa

Equipe de Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky
Talitha Bueno Motter
Marcos Fioravante de Moura

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna

Website

Lucianna Silveira Milani
Isabel Waquil

Superintendente Administrativo/Financeiro

Rudi Araújo Kother

Equipe Administrativo/Financeira

José Luis Lima
Ana Paula do Amaral
Carlos Huber
Carolina Miranda Dorneles
Emanuelle Quadros dos Santos
Joice de Souza
Margarida Aguiar
Mária Lunardi
Roberto Ritter

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

TI Informática

Jean Porto

Manutenção Predial

TOP Service

Segurança

Elio Fleury
Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

Exposição

Tomie Ohtake: pinturas cegas

Curadoria

Paulo Herkenhoff

Artista

Tomie Ohtake

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000

Agendamento tel [55 51] 3247-8001
agendamento@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo,
entre em contato: pelo fone [51] 3247.8000
ou pelo email institucional@iberecamargo.org.br
www.iberecamargo.org.br

Ministério da Cultura apresenta

Pinturas cegas

TOMIE OHTAKE



Patrocínio



Apoio



Realização

Ministério da
Cultura





TOMIE OHTAKE

sem título, 1959
óleo sobre tela
59 x 83 cm
col. particular
foto: João Liberato



sem título, 1959
óleo sobre tela
100 x 61 cm
col. particular
foto: Fernando Chaves

Atuando como artista desde 1952, no início dos anos 60 Tomie Ohtake produz uma série de pinturas feitas com os olhos vendados. Trata-se de obras sem títulos, realizadas, mais precisamente, entre 1958 e 1962. Convencionou-se chamar esse conjunto de cerca de trinta telas de pinturas cegas.

O método de trabalho de Tomie tem, neste caso, a condição de cegueira como ponto de partida. O exercício de vender os olhos, no entanto, não se limita ao bloqueio da visão da artista, mas ao desafio de produzir uma obra visual a partir dessa circunstância. Além disso, a série traz um questionamento em relação ao papel central que a visão assume na modernidade, acentuado por invenções como a fotografia, o cinema e, finalmente, a televisão. Para Paulo Herkenhoff, “a série das ditas ‘pinturas cegas’ cumpriu um papel singular no desenvolvimento da pintura moderna no Brasil, justamente num período em que uma devotada modernidade consolidava a hegemonia da visão”.¹

¹ HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: pinturas cegas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p. 56.

Para pensar

Converse com a turma sobre as perdas e ganhos que a cegueira temporária da artista pode trazer para a pintura. De olhos vendados, como se dá o contato de Tomie Ohtake com o mundo?

Que pinturas do conjunto de lâminas representam/expressam melhor para os alunos o estado de cegueira a partir do qual a artista pinta? Por quê?





T. H. H. - 10

TOMIE OHTAKE

sem título, 1960
óleo sobre tela
76 x 106 cm
col. particular
foto: João Liberato



sem título, 1961
óleo sobre tela
83,3 x 60,5 cm
col. particular
foto: João Liberato

O termo “pinturas cegas” não foi criado por Tomie Ohtake. Além disso, nenhuma das obras que compõem a série possui título. Como afirma Paulo Herkenhoff, “a pintura, além de cega e inominada, é silenciosa”,¹ reforçando a vocação abstrata de Tomie. Muitos artistas optam por não titular algumas de suas obras; no caso das pinturas cegas, porém, temos todo um conjunto inominado, que enfatiza a premissa da arte abstrata de afastar-se da representação da realidade para voltar-se ao conteúdo da obra.

Esse afastamento, por sua vez, resulta em experiências artísticas distintas: se por um lado pode nos remeter a uma pintura que mergulha em si própria (a exemplo de obras que fazem referência a problemas do campo da arte), por outro abre espaço para que a subjetividade do artista apareça por meio de uma linguagem singular. No caso das pinturas cegas, podemos pensar na coexistência dessas duas experiências, uma vez que o abstrato das telas tanto questiona o ato da pintura, como se encontra pautado pelo fazer subjetivo de pintar “às escuras”.

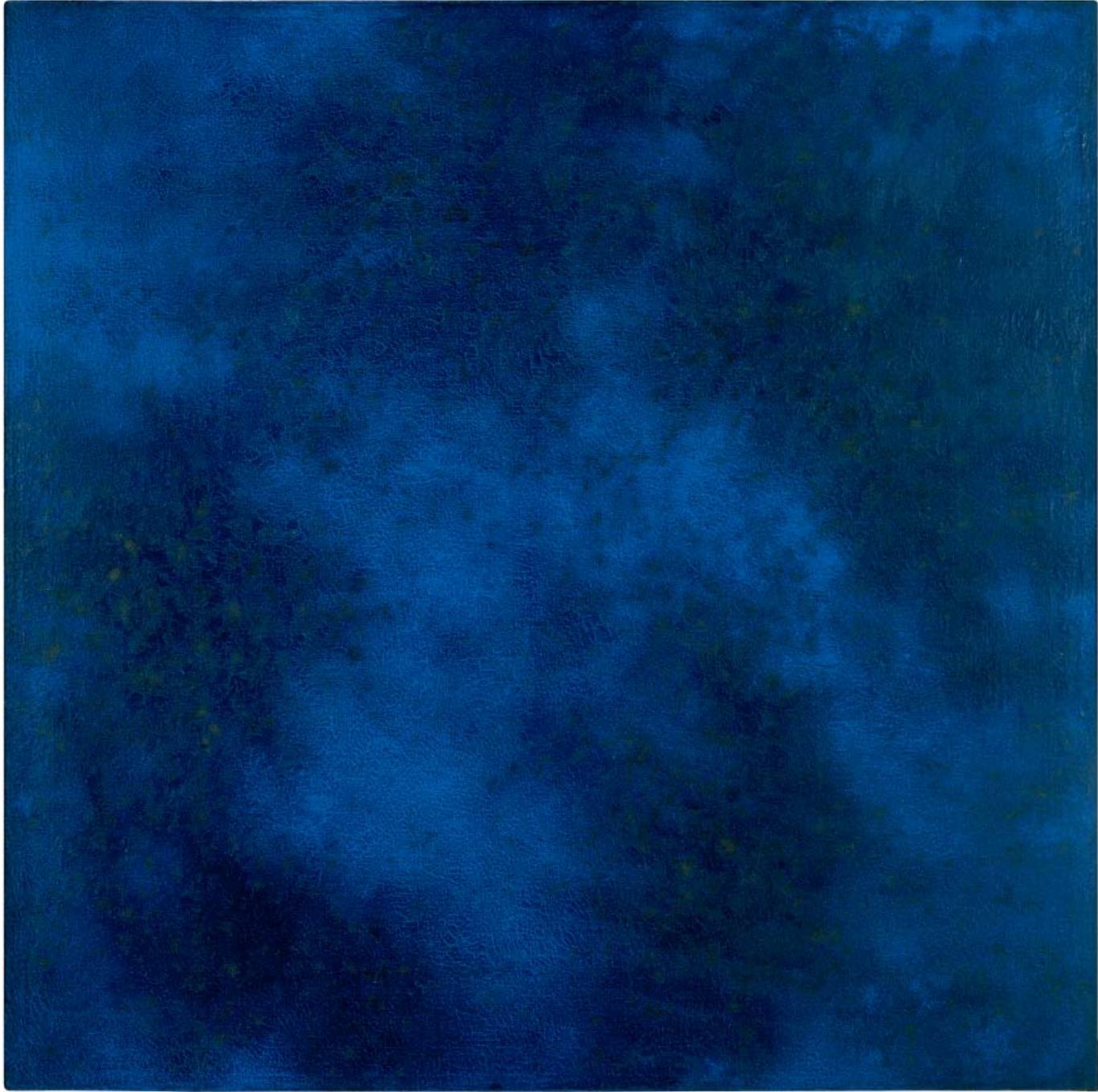
Para pensar

De que maneira os títulos das obras de arte conduzem nosso olhar sobre elas? Que motivos podem ter levado Tomie a deixar essas pinturas sem nome?

Escolha alguma obra de arte que os alunos não conheçam e apresente-a com títulos diferentes. A percepção dela varia? Que nome os alunos dariam para a pintura apresentada nessa lâmina?

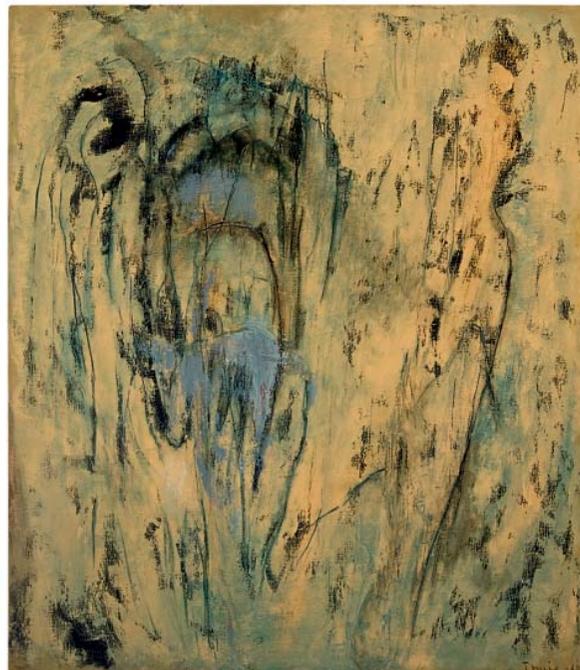
¹ HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: pinturas cegas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p. 77.





TOMIE OHTAKE

sem título, 1961
óleo sobre tela
130 x 130 cm
col. particular
foto: João Liberato



sem título, 1960
óleo sobre tela
86 x 75,5 cm
col. particular
foto: João Liberato

A pintura tem um papel central na história da arte ocidental. Durante o século XX, no entanto, essa tradição é contestada e transformada de diversas maneiras. Tanto a busca por novos suportes e questões para a arte, quanto as diferentes reinvenções da pintura, que a afastavam cada vez mais de uma representação fiel da realidade, são marcas dessa transformação. Muitas vezes, as formas se tornam abstratas, convertendo-se em figuras geométricas ou manchas. O quadro já não dá a sensação de um espaço com profundidade, e a pintura passa a se concentrar em sua superfície - o plano da tela.

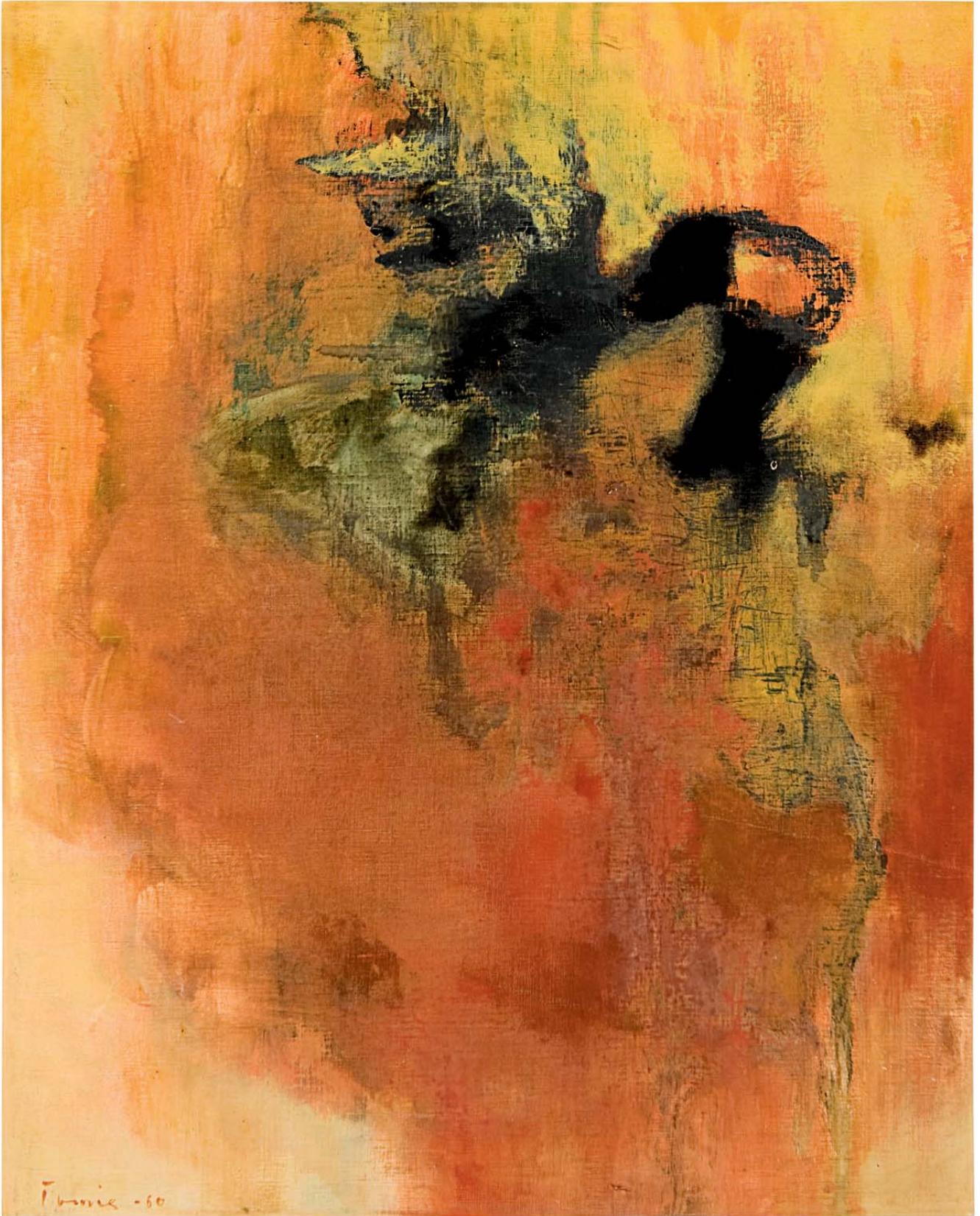
Com a série produzida no início dos anos 60, Tomie busca a reinvenção de sua própria pintura, ao dar continuidade à investigação sobre a cor, a sombra e a luz, que caracteriza sua produção até os dias de hoje.

Para pensar

Pergunte à turma o que eles entendem por reinvenção da pintura. E quando falamos em pintura tradicional, a que tipo de trabalho fazemos referência?

De que critérios nos valem para classificar algo como tradicional? Discuta o(s) sentido(s) desse adjetivo com os alunos, abordando, entre outros aspectos, sua aplicabilidade no campo da arte.





T. B. - 60

TOMIE OHTAKE

sem título, 1960
óleo sobre tela
77,5 x 62,5 cm
col. Bel Galeria de Arte
foto: João Liberato



sem título, c. 1960
óleo sobre tela
100 x 69,7 cm
col. particular
foto: João Liberato

Para pensar

Discuta com a turma sobre ideias normalmente associadas às cores preta e branca, por exemplo: bondade, pureza, medo, mistério, luto. Será que as cores são percebidas da mesma forma nas diferentes culturas ao redor do mundo? É possível associar alguma cor ao nosso país, tal como fez a artista? E à nossa cidade, à nossa rua ou, ainda, à nossa escola?

Usualmente associada às sombras e à cor negra, a cegueira também é caracterizada, em muitos relatos, pela cor branca. A série de pinturas cegas de Tomie Ohtake vale-se tanto do preto como do branco, reunindo, ao mesmo tempo, a luz e a sombra, mas também cores profundas que caracterizam outros períodos da produção da artista.

No início da década de 1960, por exemplo, o vermelho, que aparece por meio de pinceladas curvas, predomina nas pinturas cegas de Tomie. Existem, igualmente, telas marcadas pelo amarelo, cuja luminosidade estaria associada, segundo Paulo Herkenhoff, ao ambiente que a artista encontra quando chega ao Brasil, em 1936. O curador menciona que, ao desembarcar no porto de Santos, a primeira impressão que a artista tem do país é a de um mundo amarelo.¹

¹ HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: pinturas cegas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012, p.55.





TOMIE OHTAKE

sem título, 1962
óleo sobre tela
110 x 100 cm
col. particular
foto: Romulo Fialdini

sem título, 1961
óleo sobre tela
75 x 85 cm
col. particular
foto: João Liberato



Para pensar

Questione os alunos se eles percebem aspectos geométricos nas pinturas cegas de Tomie. É possível reconhecer alguma ordem construtiva nessas obras ou, neste caso, o gesto e as formas livres teriam maior importância?

De que maneira o uso da venda interfere no modo de pintar da artista? Proponha à turma o exercício de fechar os olhos. Como isso afeta nossa relação com o mundo? Ajuda na concentração? E no equilíbrio?

Ao vendear os olhos, Tomie entrega-se ao ato de pintar, abandonando o mundo visível para se concentrar na construção da pintura. Essa condição singular, por sua vez, faz com que ação e gesto tornem-se elementos centrais da sua obra.

Autores como Frederico Moraes e Paulo Herkenhoff¹ caracterizam o trabalho da artista, desde seu começo na pintura (Tomie tinha, então, 40 anos), como uma ponte entre a ordem construtiva e a liberdade do gesto. A combinação de caminhos diferentes para se chegar a uma arte abstrata resultaria, nesse sentido, em uma flexibilização da geometria: “nada de esquadro e régua, menos ainda de compasso. Geometria feita à mão, com o ritmo e a variação de peso característica da mão. E com a envergadura do corpo. E sempre tomando como veículo a cor”.²

1 MORAIS, Frederico. Panorama confirma novas tendências da pintura, 1979. In: FERREIRA, Glória (Org). *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2006; HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: pinturas cegas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.

2 FARIAS, Agnaldo. *Seixo rolado e nuvem*, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.institutotomieohtake.org.br/tomie/ensaios/teensaios04_01.htm

